

Convento da Penha

# O Convento da Penha e o teleférico

MARIA HELENA HESS

A construção de um teleférico no Morro do Convento é, no momento, um dos assuntos em pauta na imprensa local.

Diante do silêncio dos nossos historiadores (Levy Rocha, Luiz Guilherme Santos Neves, Neida Lúcia Moraes, Renato Pacheco...) achei por bem fazer algumas ponderações a respeito.

Há centenas de anos, o Espírito Santo vem pondo abaixo o seu patrimônio histórico. E, em Vitória, berço da nossa civilização, as marcas dessa destruição são mais flagrantes.

Turistas que nos visitam e que se encantam com a cidade, ao saber a sua idade, se espantam.

As grandes avenidas, os prédios modernos, as pontes arrojadas não falam do seu passado.

Igrejas, sobradinhos, casarões coloniais, ruas de pedras toscas, monumentos, palacetes foram, pouco a pouco, se apagando do nosso mapa turístico.

Na Cidade Alta, não faz muito tem-

po, até mesmo casarões tombados foram demolidos.

Tamanho descaso pelo nosso passado justifica as preocupações com o teleférico que se cogita instalar no Convento da Penha.

É importante ressaltar aqui o trabalho dos frades franciscanos, incansáveis e fiéis guardiães do Santuário, aos quais devemos a conservação desse tesouro arquitetônico.

Vitória é cercada de morros e de montanhas, mais altas e mais inacessíveis que o Morro do Convento, onde um teleférico ficaria bem sem maiores implicações.

O Convento da Penha, de beleza singela e despojada, cartão postal da cidade, é o que nos restou de séculos de destruição.

A Terceira Ponte já lhe roubou boa parte da paisagem. E o teleférico?

Os milhares de fiéis que sobem as ladeiras e escadarias do Convento estão à procura de conforto espiritual e de paz.

Voltados mais para oração e a penitência, buscam o silêncio e a tranquilidade que o verde da sua belíssima subida lhes oferece. Para suas visitas à Virgem da Penha, eles não

têm pressa nem esperam comodidade. Dispensam pois o que o teleférico poderia lhes oferecer.

Todos sabem que o fluxo turístico, além dos lucros, traz também riscos e prejuízos.

O Convento da Penha e suas relíquias estariam mais vulneráveis à ação de marginais e de vândalos. E há sempre o perigo de incêndio na vegetação da encosta, provocados por turistas desatentos ou descuidados.

É bom lembrar ainda que o complexo turístico do Pão de Açúcar, que

pretendem imitar, foi instalado numa área vazia, o que não acontece com o Morro do Convento, cujo exíguo espaço já é ocupado pelo Santuário e seus anexos. Qualquer construção, além dessas, viria descaracterizar todo o conjunto.

Quem sabe hoje o Convento da Penha está voltado para a oração. Atraído pela novidade, o turista de amanhã poderá ter outras tantas motivações que não sejam religiosas.

Entre os milhares de milagres da Virgem da Penha, o primeiro e mais conhecido é aquele em que a imagem de Nossa Senhora se deslocou até o alto do monte para indicar onde deveria ser construído o Santuário.

Os que apóiam o teleférico que se cuidem. A Virgem pode sinalizar em contrário.

É bom lembrar tudo isso antes que seja tarde e que vendilhões se apropriem do nosso Templo, o mais belo e representativo monumento religioso do Estado.

■ MARIA HELENA HESS ALVES é escritora

O CONVENTO É O  
QUE NOS RESTOU  
DE SÉCULOS  
DE DESTRUIÇÃO